

Balanço na educação mostra contínua queda de qualidade

Stuckert Filho 10/12/91

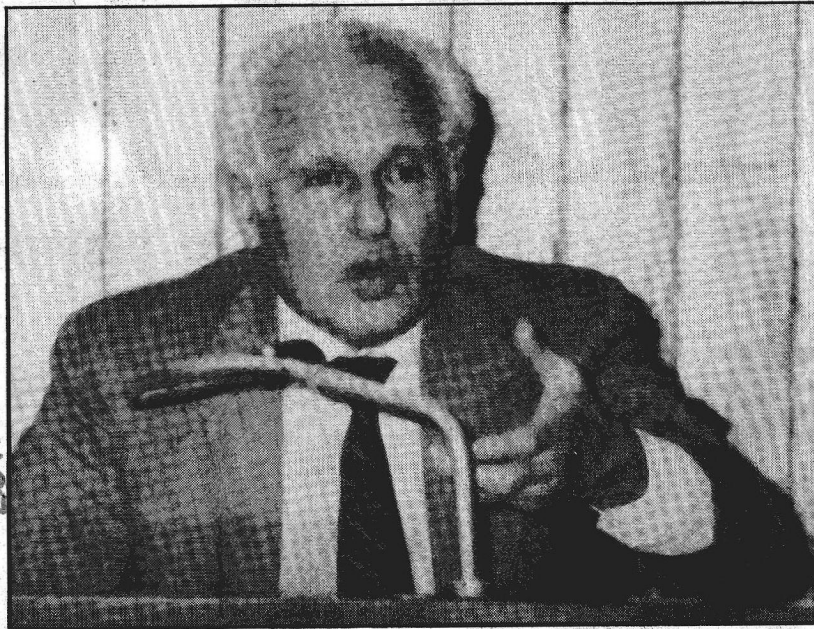
O Brasil chega a 1992 sem ter atenuado seu problema educacional. Os professores continuam ganhando mal — nas regiões Norte e Nordeste muitos recebem meio salário mínimo — o número de crianças fora da escola ainda é assustador e a evasão escolar e a repetência são altas.

Embora o ministro da Educação, José Goldenberg, assegure que as 500 mil salas de aula construídas são suficientes para atender a demanda de alunos, estima-se que 5 milhões de crianças ficarão fora das escolas este ano.

O padrão do ensino e o acesso da população à educação vem caindo a cada ano letivo. Com base nas estatísticas do Ministério da Educação, os especialistas do setor apedidaram os anos 80 de "a década perdida" com relação ao ensino fundamental.

Em 1967, das 5.408.429 crianças que cursavam a 1ª série do 1º grau, apenas 868.002 (16%) chegaram a 8ª série, sendo que 401.977 (7,4%) ingressaram na universidade. Em 1979, no mesmo período de 12 anos, das 6.502.323 crianças que cursavam a 1ª série em 1978, apenas 382.221 (5,9%) chegaram à universidade em 1990.

As estatísticas mostram que a



Goldemberg atribui os problemas educacionais à crise social

educação no Brasil está cada vez mais elitista, o que é preocupante num País de baixo índice de mão-de-obra especializada. Goldenberg atribui esse desastre à crise social brasileira, e não à ineficiência da política educacional.

Mesmo assim, Goldenberg en-

contra no censo de 1990 dados animadores, com a diminuição do número de analfabetos. Em 1980, esse número era de 19.330.254 pessoas (26% da população). Em 1989, caiu para 17.587.580 pessoas (18,8%), o que serviu pelo menos para amenizar a frustração do Governo.

05 JAN 1992

CANAL DE BRASILIA

ESTADO DE SAO PAULO